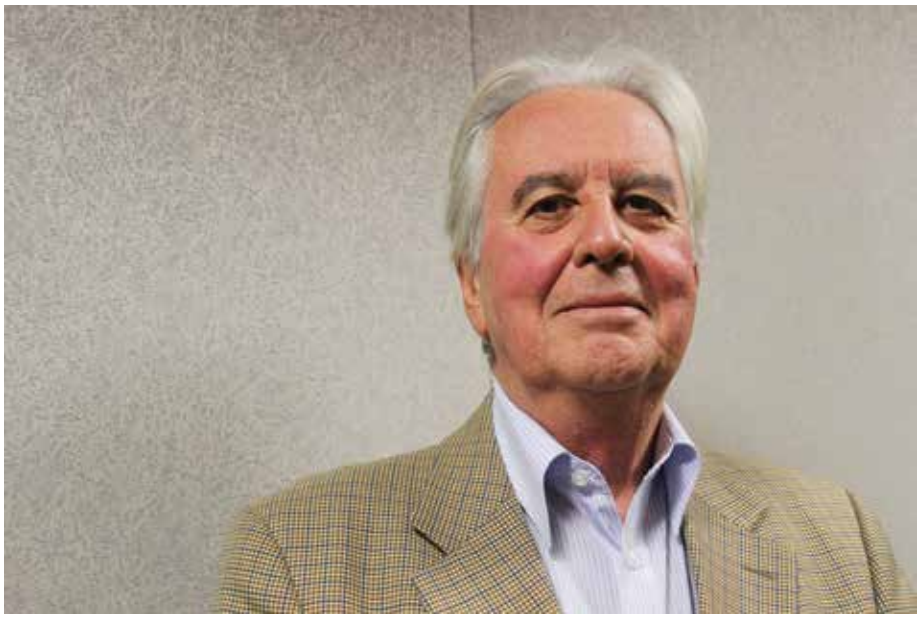
Clodoaldo Hugueney
Ex-embaixador do Brasil na China

TEMOS QUE REFORMAR PARA CRESCER

Por Paulo Roque

As reformas na China estão sendo executadas com dificuldade, mas com determinação e dentro de um plano bem delineado, segundo Clodoaldo Hugueney, que já serviu no Chile, Estados Unidos e Reino Unido. Foi embaixador na Venezuela e na União Europeia (UE), junto aos organismos internacionais em Genebra e à Organização Mundial do Comércio (2005-08), e embaixador do Brasil em Pequim, de 2008 a 2013. Ele chegou ao país asiático exatamente quando o impacto da crise mundial estava expandindo-se e os países começando a reconhecer sua dimensão e a tomar medidas. "As respostas chinesa e brasileira permitiram que a relação bilateral contrabalançasse a queda no comércio com os grandes países importadores", aponta Hugueney. Segundo o diplomata, nossas exportações estão concentradas em um pequeno número de produtos agrícolas e minerais, enquanto as chinesas têm grande diversificação em produtos manufaturados.



> "...AS MUDANÇAS NA CHINA E NO BRASIL VÃO ABRIR UMA NOVA FASE NAS RELAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE OS DOIS PAÍSES."

Agroanlysis Fale sobre a experiência como embaixador na China.

Clodoaldo Hugueney Foi uma grande experiência. Primeiro, porque é um país que está transformando-se rapidamente. Segundo, porque, no período em que estive lá, as relações entre Brasil e China se intensificaram. Cheguei justamente quando o impacto dessa crise estava expandindo-se no mundo e os países começando a reconhecer sua dimensão e a tomar medidas contracíclicas. As respostas chinesa e brasileira permitiram que a relação bilateral contrabalançasse a queda nos grandes países importadores. Era meu último posto e meu primeiro na Ásia. Foi um aprendizado tentar entender como um país muito diferente pensa, funciona, trabalha e se relaciona com as outras nações. A China, como país em desenvolvimento, tem semelhanças com o Brasil, mas possui um sistema político completamente diferente e um sistema econômico em que o Estado tem grande presença. Entender o "socialismo com características chinesas" é um grande desafio.

Agroanalysis Os chineses se tornaram os maiores parceiros comerciais do Brasil. Podemos dizer que essa relação já está consolidada?

CH Sim e não. Essa relação depende da *performance* das duas economias e da complementaridade entre elas. Hoje, é uma relação em que as exportações brasileiras estão concentradas em um pequeno número de produtos agrícolas e minerais e em que as exportações chinesas têm grande diversificação em produtos manufaturados. A demanda chinesa por matérias-primas é muito importante para um grande produtor como o Brasil, mas devemos diversificar a pauta de exportações. Esse é um tema que temos que olhar com

> “PRECISAMOS TER UMA ESTRATÉGIA, PORQUE A RELAÇÃO COM A CHINA É PRIORITÁRIA PARA O BRASIL, E DESEJAMOS FORTALECÊ-LA E LHE DAR NOVOS RUMOS.”

cuidado, com vistas a combinar qualidade e quantidade, crescimento do comércio e diversificação das exportações. Temos que reformar para crescer nas duas economias e na relação bilateral. As reformas na China estão sendo executadas com dificuldade, mas com determinação e dentro de um plano bem delineado. Pretendem mudar o modelo de crescimento. Não faz mais sentido para a China, como segunda economia do mundo, seguir crescendo 10% ao ano, com investimentos maciços da ordem de 45% a 50% do PIB e com custos sociais e ambientais elevados. A economia chinesa tem que se rebalancear, passar do motor do investimento para o do consumo. Faz parte destas reformas a aceleração da urbanização. Nós também temos que reformar para voltar a crescer, aumentando investimentos e produtividade. O Banco Mundial fez um estudo muito interessante, no qual mostra que as mudanças na China e no Brasil vão abrir uma nova fase nas relações econômicas entre os dois países.

AGROANALYSIS **Como estabelecer uma estratégia que vá além das exportações brasileiras de matérias-primas e matérias-primas básicas?**

CH Os chineses têm estratégia em relação ao Brasil e nos veem como uma grande fonte de recursos naturais e como opção de investimentos. Hoje, os investimentos chineses no Brasil cresceram muito não só na área de recursos naturais, como na área industrial e, agora, na área de serviços, com grandes bancos chineses e com a chegada aqui de dois gigantes: o Baidu, concorrente do Google, e o Alibaba.

Precisamos ter uma estratégia, porque a relação com a China é prioritária para o Brasil, e desejamos fortalecê-la e lhe dar novos rumos. Isso não é tarefa só do Governo. O Governo despertou para a importância da China, criou o Plano de Ação Conjunta [entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China] 2010-2014 e procurou orientar a relação no sentido da diversificação, explorando novas áreas e desenvolvendo instrumentos para orientar os investimentos chineses. O setor empresarial também se engajou nessas tarefas. Mas, de parte a parte, ainda há muito a ser feito. O setor empresarial brasileiro teria que se coordenar melhor, definir melhor suas prioridades e atuar junto com o Governo, por exemplo, num novo plano de ação conjunta. A estratégia não deve ser apenas econômico-comercial, mas política, envolvendo áreas prioritárias, como inovação. O Brasil precisa ter uma visão clara e de longo prazo dos rumos que quer imprimir a essa relação. É fundamental uma complementação estreita entre Governo, setores econômicos, empresariais e, importante dizer, Academia. Esta, para pensar sobre a China, ajudando Governo e empresários a estruturar a nova fase das relações sino-brasileiras.

AGROANALYSIS **Existe complementaridade entre os dois países nas áreas social, cultural, educacional e na inovação?**

CH Os EUA enviam milhares de estudantes à China e recebem ainda maior número de estudantes chineses em suas universidades, que, por sua vez, têm programas de cooperação com instâncias do governo chinês e com as grandes universidades da China. Temos, no campo acadêmico, um déficit de conhecimento em relação à China. Os chineses que pretendem intensificar sua relação com o Brasil vêm trabalhando há muito tempo nessa área. Atualmente, dezesseis universidades chinesas oferecem cursos de português, e existe interesse em desenvolver programas com o Brasil. A especialização em China é importante por duas razões: primeiro, porque a China já é hoje uma potência regional com impacto global e deverá ser a maior economia do mundo nos próximos dez anos; e, segundo, porque é um país com uma cultura milenar de grande significação e muito diferente da nossa. É muito mais fácil entender a Europa e os EUA do que entender a China. Uma coisa que me espanta é que, mesmo tendo uma relação econômica e de cooperação prioritária com a China e sendo o mercado chinês o maior para as exportações brasileiras, no Brasil, não há grandes *think tanks* refletindo sobre isso.

Também na área cultural, existe um espaço enorme a ocupar, por meio da projeção da cultura brasileira na China, com apoio decidido do setor empresarial. Destaco, também, a questão da inovação. Os chineses têm, hoje, como elemento central de reforma da sua economia mudar o perfil da sua produção para a competitividade alicerçada em inovação, em criação, em lançamentos de novos produtos e em domínio de tecnologias fundamentais. Entre elas, estão a biotecnologia, a nanotecnologia, as energias renováveis. São áreas prioritárias para o Brasil, e, em algumas, temos liderança, como em energias renováveis como o etanol. Aí existe um campo imenso para programas conjuntos, e – de novo – a Academia tem um papel muito importante.

Já na área social, quais são os grandes desafios na China hoje? Redistribuir renda, o que exigirá modernização do campo e urbanização, modernizar educação e saúde e resolver desafios ambientais. O Brasil tem experiências bem-sucedidas em todas essas questões. A nossa distribuição de renda, hoje, é mais igualitária do que a da China. Temos uma agricultura altamente produtiva. O potencial de cooperação em políticas sociais é muito grande, em urbanização, políticas redistributivas, reformas do campo, da educação e da saúde.

AGROANALYSIS **Há espaço para a OMC desempenhar uma atuação mais influente no comércio mundial?**

CH Não só há, como é fundamental para o Brasil e para o mundo. A OMC é a âncora do sistema multilateral de comércio. O Brasil, junto com seus parceiros do BRICS, com o mundo em desenvolvimento, mais EUA e UE, devia procurar fazer com que a OMC supere as dificuldades da Rodada de Doha, lance-se em novas iniciativas e assuma novas responsabilidades, especialmente na área da agricultura. Além da questão de subsídios, tema que ficou inconcluso, enfatizo a regulação, fundamental nas negociações. Não se negocia tanto barreira na fronteira, e sim questões relacionadas às barreiras técnicas, sanidade, normatização de produtos pecuários etc. E o local onde elas têm sido discutidas é na OMC. O governo brasileiro deveria estar engajando-se muito mais em retomar a Rodada de Doha e debater o futuro da OMC.

AGROANALYSIS **Essa dicotomia entre acordo bilateral e multilateral entre países faz sentido?**

CH Todos os grandes parceiros comerciais perseguem seus objetivos de abertura de mercados em todos os cenários. No cenário multilateral, no cenário regional, no cenário plurilateral – em que temos mega-acordos em negociação no Pacífico e no Atlântico Norte – e no bilateral. Não só os tabuleiros são variados e complementares, como as agendas são diversificadas. Como os grandes países do mundo, o Brasil precisa aprender a jogar em todos os campos ao mesmo tempo. Como fruto do fechamento da sua economia, o Brasil perdeu o grande auge da globalização com estratégia centrada no Atlântico. A China usou esse período para se transformar na maior potência exportadora do mundo, saiu do mesmo nível em que o Brasil estava, em 1% do comércio mundial. Hoje, ela tem 12%, e nós continuamos com 1%. Algo está errado em nossa estratégia, ou nós não temos estratégia. O Brasil precisa ter uma agenda negociadora diversificada e reformar sua política comercial.

AGROANALYSIS **Devemos proteger o mercado interno em quais áreas?**

CH Não sou um defensor de uma estratégia de proteção do mercado interno, pois leva a uma situação de definhamento dos setores que vivem sob proteção. Isso vem ocorrendo no Brasil. Ao mesmo tempo, o comércio internacional e a integração de um país na economia global não podem ser feitos para liquidar setores produtivos de um país, fazer com que prevaleçam exclusivamente regras de competitividade. Na minha visão, esse tipo de estratégia é autodestrutiva. É preciso combinar uma estratégia de integração a uma estratégia de proteção que permita dar espaço aos setores que não estão em grau de competitividade internacional, para que eles se tornem competitivos. Existem setores que não são competitivos porque há um custo Brasil excepcional, além de uma burocracia absolutamente gigantesca e ineficiente. Temos que elaborar uma agenda de reformas para que o Brasil volte a crescer e se torne uma potência com perspectivas de seguir galgando patamares na escala das grandes economias do mundo.

AGROANALYSIS **O agronegócio oferece oportunidades para o Brasil ser protagonista no cenário internacional?**

CH O agronegócio é uma ponta de lança nessa reforma da política comercial brasileira, na modernização de nosso sistema exportador e da nossa infraestrutura. Hoje, o agronegócio brasileiro disputa com os EUA a posição de maior exportador do mundo. Ninguém pode discutir agricultura sem a presença do Brasil. Não é por coincidência que os cargos de diretor-geral da FAO e da OMC são ocupados por brasileiros. Isso reflete nossa posição na área de produtos agropecuários e reflete também nossa liderança no mundo em desenvolvimento. O Brasil é o país que tem mais condições para tentar resolver o problema da segurança alimentar do Planeta. Mas, ainda falta o desenvolvimento de toda uma estratégia internacional, o que exige uma reflexão mais profunda sobre nossas políticas agrícola, comercial e de infraestrutura e sobre os espaços que podemos ocupar no mercado global, em especial na Ásia e na China. Para esta reflexão, a contribuição da Academia é central. Esse processo deve ser conduzido por meio de uma estreita coordenação entre Governo e setores produtivos e gerar uma visão conjunta das reformas internas e da projeção internacional do Brasil. Não podemos seguir insistindo na dicotomia mercado interno/mercado internacional. Os dois são prioritários. ■

> “O BRASIL PRECISA TER UMA VISÃO CLARA E DE LONGO PRAZO DOS RUMOS QUE QUER IMPRIMIR A ESSA RELAÇÃO.”